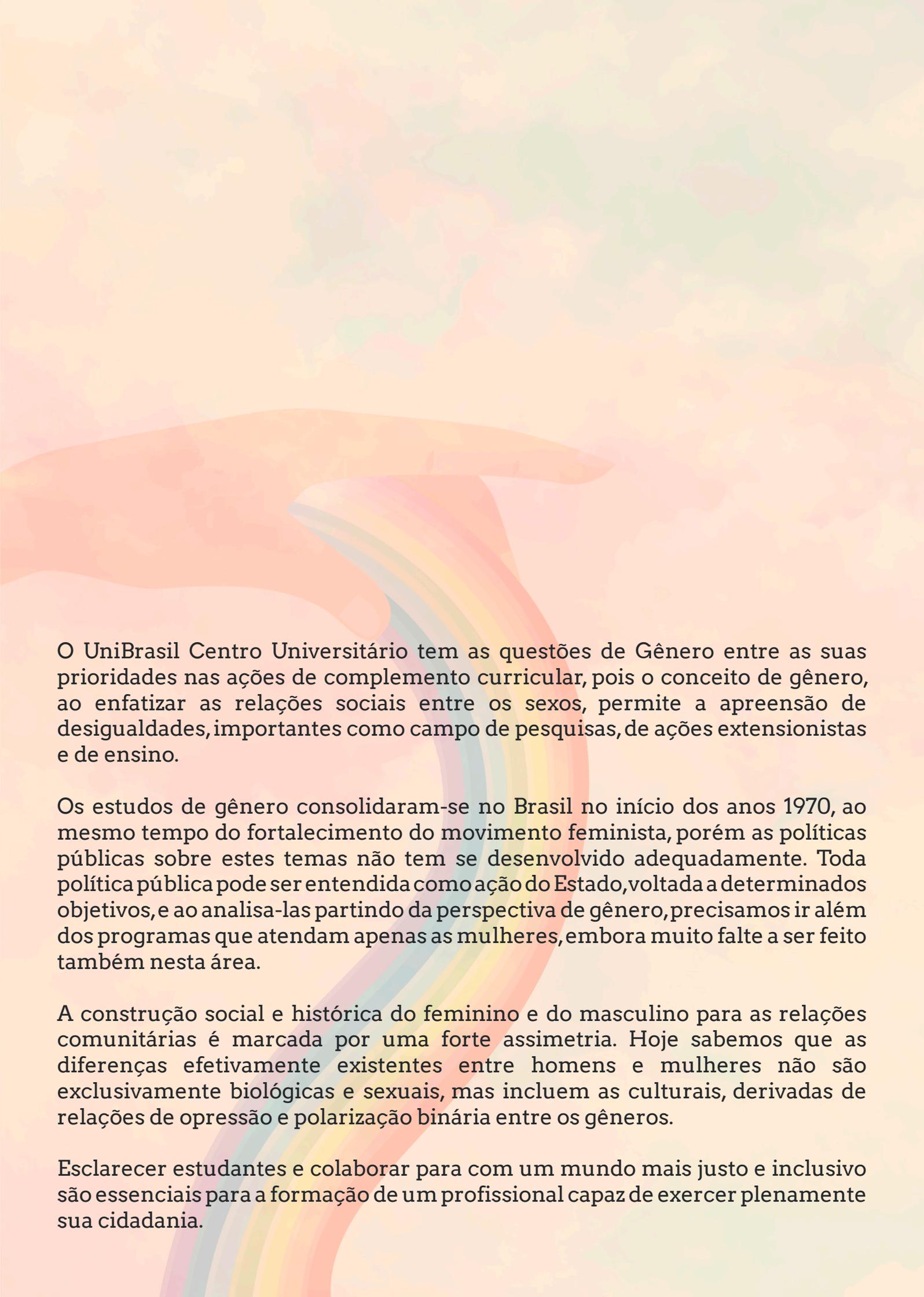


Gênero



The background features a soft, watercolor-style rainbow arching across the lower half of the page. Above the rainbow, there is a faint, stylized illustration of a hand reaching out from the left side. The overall color palette is pastel and warm, with shades of pink, orange, and light green.

O UniBrasil Centro Universitário tem as questões de Gênero entre as suas prioridades nas ações de complemento curricular, pois o conceito de gênero, ao enfatizar as relações sociais entre os sexos, permite a apreensão de desigualdades, importantes como campo de pesquisas, de ações extensionistas e de ensino.

Os estudos de gênero consolidaram-se no Brasil no início dos anos 1970, ao mesmo tempo do fortalecimento do movimento feminista, porém as políticas públicas sobre estes temas não tem se desenvolvido adequadamente. Toda política pública pode ser entendida como ação do Estado, voltada a determinados objetivos, e ao analisa-las partindo da perspectiva de gênero, precisamos ir além dos programas que atendam apenas as mulheres, embora muito falte a ser feito também nesta área.

A construção social e histórica do feminino e do masculino para as relações comunitárias é marcada por uma forte assimetria. Hoje sabemos que as diferenças efetivamente existentes entre homens e mulheres não são exclusivamente biológicas e sexuais, mas incluem as culturais, derivadas de relações de opressão e polarização binária entre os gêneros.

Esclarecer estudantes e colaborar para com um mundo mais justo e inclusivo são essenciais para a formação de um profissional capaz de exercer plenamente sua cidadania.

A questão do gênero na perspectiva da sociedade normalizada e a parresia

Considerações introdutórias

O presente texto pretende articular e atualizar a discussão sobre gênero partindo de referências teórico-filosóficas de Michel Foucault. Atualizar a discussão sobre gênero passa por visibilizar alguns pontos que estão sinalizados nas teorias e discussões sobre o tema, bem como pela discussão da noção de biopolítica e como essa instaurou dispositivos de sexualidade, os quais constituem a sociedade normalizadora e a desqualificação do discurso de gênero. Além de atualizar brevemente também a Teoria Queer que se propôs a discutir o pressuposto da identidade sexual de caráter homogêneo. Tais pontos serão articulados com a noção de parresia cínica mais ao final do texto: um modo corajoso de dizer a verdade na relação consigo e com os outros.

AUTORA

Stela Maris da Silva – professora da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), mestre em Psicologia da Educação, Doutora em Filosofia. Atuou na área técnico pedagógica da Secretaria de Estado da Educação do Paraná e em Núcleos Regionais de educação na Implantação da Filosofia da Sociologia no Ensino Médio. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura (CONSEC-PR) participando da Comissão que elaborou o Plano Estadual de Cultura. Tem vários artigos publicados nas áreas de interesse.

Importante destacar o que se entende por atualizar. Foucault pergunta sobre a nossa atualidade: “O que é a nossa atualidade? Qual é o campo atual de experiências possíveis? Não se trata, portanto, de uma analítica da verdade, mas do que poderíamos chamar de uma ontologia do presente, uma ontologia de nós mesmos [...]”? ¹. As respostas a essas questões devem levar em conta a noção do atual. Um atual que se configura no que é possível, no que desatualiza o presente e, ao mesmo tempo, faz a crítica do presente, interrogando-a sobre própria atualidade, em uma atitude-limite. Foucault afirma que realizar o trabalho no limite de nós mesmos, por um lado, deve abrir um campo de investigações históricas, e por outro, colocar à prova da atualidade a realidade “para selecionar os pontos onde a mudança é possível e desejável, a fim de determinar a forma precisa para esta mudança” ².

¹ FOUCAULT, M. Qu'est que le Lumières ? In : Dits et écrits, II, p. 1506.

² Cf. FOUCAULT, M. Qu'est-ce que les Lumières ? « What is enlightenment ? In: RABINOW, P. (éd.). The Foucault reader. New York: Pantheon Books, 1984. p. 32-50. In: Dits et écrits, II, p. 1393.

BIOPOLÍTICA/ DISPOSITIVOS NORMALIZADORES

Vale lembrar inicialmente que Michel Foucault não tinha interesse em buscar soluções de substituição, nem pretendia encontrar soluções de um problema, na solução de outro problema. Assim, o que estava interessado era mostrar uma história das diferentes formas de problematização das morais.

Foucault reconheceu que os movimentos das minorias na França dos anos 70 e 80 foram importantes para as conquistas de direitos dos indivíduos, para que as pessoas pudessem exercer livremente a sua sexualidade. Entretanto, propôs que os movimentos fossem além das conquistas normalizadoras e que fizessem resistência enquanto força criativa de novos modos de ser. Propôs formas de “vida outra” que instaurassem escolhas sexuais éticas e políticas. As reflexões sobre a normalização das condutas passam pelas relações entre saber-poder, as quais organizam-se como biopolítica, e se estabelecem pelos dispositivos encontrados em diferentes níveis e sob diferentes formas, as quais podem ser móveis, reversíveis e instáveis. Com o objetivo de garantir a saúde e a felicidade da população, a biopolítica

surge como um mecanismo do Estado. As vidas, as mortes, o bem-estar, a saúde e a doença da população, a natalidade, a longevidade, a habitação e a migração, dentre outros, passam a ser articulados, tanto no nível do discurso especulativo, como no agenciamento concreto que constituirá o que foi chamado por Foucault de grande tecnologia do poder no século XIX: o dispositivo de sexualidade. O espaço social e o mundo pessoal misturam-se no limite da administração dos corpos e da vigilância, pela disseminação dos dispositivos de segurança, na mesma medida da ameaça à vida. São práticas, instituições e conhecimentos, regras que disciplinam os saberes sobre sexo e prazer. Tais saberes distinguem o que é falso do que é verdadeiro sobre sexualidade.

Destaca-se a noção de dispositivos, pois são práticas, discursos, leis, enunciados, dentre outras, que constituem o sujeito em uma trama de saberes e forças. Essa noção e outras são uma mostra de algumas pistas de que Foucault, em diferentes ditos e escritos, se referiu à questão do gênero.

“[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.³

³ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, p. 244.

Entre o dito e o não dito, elementos do dispositivo, estão, por exemplo, a lógica das políticas e as lutas de inclusão de sujeitos nas suas identidades de gênero, orientação sexual. Tais lutas podem, também, contribuir para as políticas institucionais normalizadoras que disciplinam, domesticam e tendem a excluir.

GÊNERO E RESISTÊNCIA



O conceito de gênero foi construído por estudiosas feministas de diferentes campos de pesquisa, tais como Antropologia, Psicologia, Filosofia, entre outros, nos anos 80, como reação ao patriarcado ocidental. A discussão sobre gênero ou “sistema sexo-gênero” gerou muitos estudos, movimentos e divisões destes, ainda que preponderassem as ideias de uma estrutura social que oprimia as mulheres, pois gênero era uma marca de subordinação da mulher a diferentes sistemas, tais como, a sua fisiologia, à família, aos condicionamentos comportamentais. Os estudos de gênero se deslocaram e adquiriram novos contornos, como a crítica ao feminismo, em específico. Enquanto os estudos sobre lésbicas e gays aconteceram em ambientes diversos, tais como os universitários,

assim como, a discussão queer, desenvolvida no final dos anos 80, nos EUA, pelos grupos LGBT. Elas ressignificaram o termo “excêntrico”, “estranho”, o queer, que desde o século XIX era usado para nomear de modo depreciativo pessoas homossexuais.

A Teoria Queer⁴ se propôs a discutir as afirmações sobre a identidade sexual de caráter homogêneo. Questionou a naturalização e a patologização dos papéis de gênero, decorrentes das políticas de biopoder. Essa teoria parte de pressupostos tais como: a multiplicidade de identidades, as quais são construídas e, portanto, arbitrárias, instáveis, excludentes, entre outras. O reconhecimento do significado aberto é passível de contestação da categoria identidade enquanto política; o desafio do sistema de categorias heterossexual e homossexual como princípios de identidade sexual e a necessária teorização geral sobre conhecimentos, instituições, cultura também discutem a sexualização dos corpos, desejos, identidades.

Theresa de Lauretis, feminista italiana⁵, no artigo Gênero e teoria queer, aponta que a Teoria Queer

⁴ Surge enquanto teoria e método de análise, das pesquisas dos estudos culturais norte-americanos, e do pós-estruturalismo francês.

⁵ Foi no artigo “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities” de Theresa de Lauretis, publicado na revista Differences, que o termo Teoria queer ganha nova forma.

consistia em iniciar um diálogo entre lésbicas e homens gays acerca da sexualidade e nossas respectivas histórias sexuais. Esperava que, juntos, quebrássemos os silêncios que se haviam construídos nos estudos lésbicos/gay em torno da sexualidade e sua relação com sexo/raça (por exemplo, o silêncio em torno das relações inter-raciais ou interétnicas).⁶

Sem entrar em uma análise mais específica sobre a Teoria Queer, seus rumos, suas relações com outras teorias, tais como o pós-estruturalismo, para citar apenas uma, o importante é destacar que em História da Sexualidade, Foucault analisou muitas ideias que dão base para definir a Teoria Queer. As noções de gênero e sexualidade são construídas pelo discurso, tanto desqualificados, como os qualificados. Nesse sentido, a sexualidade não existe antes ou depois do poder. As práticas sexuais, bem como o que se falava sobre o sexo foram reguladas desde o século XVII, criando instrumentos de disciplinamento dos corpos. Para Foucault, os que desenvolveram a Teoria Queer viram a sexualidade como um dispositivo de poder.

Judith Butler⁷, em seu livro Problemas de Gênero (1990), via possibilidades de agenciamentos. Recorreu a Foucault para explicar que a sexualidade e o poder estão relacionados, mas é possível rejeitar esse pressuposto de uma sexualidade subversiva que possa ser livre da lei. Com isso, a autora desestabilizou pilares do movimento feminista e contrariou alguns dogmas, tais como a distinção sexo/gênero. Para ela, gênero é processo, é o que se faz e não o que se é. Assim, falar de sexo é um mecanismo para produzir e controlar, ou seja, ao mesmo tempo, ao proibir determinadas práticas homossexuais, por exemplo, as produz e proíbe.

No Brasil, um importante movimento com a matriz queer é a Marcha das Vadias⁸. Nas marchas, o corpo é mostrado com as

inscrições de violência e sujeição. O lema “ser livre é ser vadia, então somos todas vadias” marca a resistência à culpabilização sofrida pelo raciocínio patriarcal. Para Butler, as Slutwalks (Marchas) fazem uma performatividade corporal e política, pois denunciam seus corpos precários, e ao fazê-lo expressam vulnerabilidade e resistência, ainda que pese a ação coletiva potente.

Do mesmo modo, a despeito dos avanços jurídicos e políticos conquistados pelos movimentos identitários, é importante destacar que tais avanços, pautados pelas lutas de inclusão, têm contornos de normalização, os quais têm base nos dispositivos de sexualidade, o que reforça, por vezes, a domesticação e as exclusões. Neste aspecto, para além do panorama das identidades sexuais e das conquistas jurídicas sociais, é preciso resistir.

Para Foucault, a resistência não é uma substância e não é anterior ao poder que ela enfrenta, mas sim contemporânea. “Para resistir”, afirma Foucault, “é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente”.⁹

Nos cursos dos anos 80, Foucault reflete sobre as formas de resistir como uma prática crítica que leve à transfiguração no modo de existência não baseada em identidades essencialistas, mas como experiência de desnaturalização da “normalidade” como parresía.

⁶ Lauretis 1991, p.11 apud Lauretis, 2021

⁷ Butler estudou filosofia nos anos 80, é professora na Universidade da Califórnia, em Berkeley, na área de estudos de retórica e literatura.

⁸ A primeira Marcha, a Slutwalk aconteceu em abril de 2011 em Toronto-Canadá. Foi uma reação de resistência e contra conduta ao discurso de culpabilização das vítimas de agressão sexual. No Brasil, a Marcha das Vadias aconteceu em várias capitais em diferentes estados, também em 2011. Nos anos seguintes, pautas locais foram priorizadas, assim como a descentralidade e a pluralidade na organização.

⁹ FOUCAULT, M. Microfísica do poder, p. 241.

A VIDA COMO ESCÂNDALO DE VERDADE (parresía)

Foucault discute em *A Coragem da Verdade* (1984), seu último curso no Collège de France, a prática de si como transformadora e tem como fundamento o exercício de liberdade. É um modo de dar a si mesmo uma forma de vida aceitável como resultado do processo de transformação, no sentido de superar a si mesmo, numa ascese ética, estética e política. Uma política da vida como escândalo de verdade, no que ele chamou de cinismo da cultura.

Contudo, o que vemos hoje, como já acenado no texto, é uma tendência ao isolamento atomizado dos indivíduos, e a atuação de dispositivos biopolíticos que reproduzem formas violentas, excludentes ou que incluem excluindo domesticamente as diferenças, em nome de conquistas jurídicas e sociais de engajamento. Mas, certamente a partir dos agentes políticos, especialmente os novos coletivos autônomos, como a já citada *A Marcha das Vadias*, que fazem resistência aos dispositivos de biopoder, como o da identidade sexual ou de gênero, há deslocamentos que confundem os discursos. Há condições para que novos modos de vida, como crítica permanente do nosso presente, gerem novas formas de vida e de atualização.

A reação de desconforto, certa repulsa social e política aos movimentos de gênero sugere que ali há verdades que

escandalizam. Trata-se de verdades que colocam os envolvidos em risco, e, ao mesmo tempo, podem transformar um e outro através da coragem da verdade, para pensar diferentemente do que se pensava antes. No jogo que se estabelece, o principal personagem, o parresiasta, é alguém qualificado, cuja qualificação necessária está na maneira de dizer a verdade de modo franco.

Foucault afirma que os dois aspectos do jogo parresiástico são: “— a coragem de dizer a verdade a quem queremos ajudar e dirigir na formação ética de si mesmo — a coragem de manifestar em relação e contra tudo à verdade sobre si mesmo, de mostrar tal como somos”.¹⁰ É a esse segundo aspecto que ele se refere quando for tratado o jogo parresiástico cínico, ou seja, aquele em que a coragem de manifestar a verdade em relação e contra tudo, denota ao mesmo tempo a verdade sobre si mesmo, a verdade de mostrar tal como se é.

Sendo inadmissível, insolente e intolerável o dizer franco do cínico e a sua vida, poderíamos perguntar: quem os cínicos põem em risco? Quem não suporta a verdade da parresía cínica? Fala-se aqui de limites, daquilo que está fora do quadro de visibilidades e tolerância para ver a vida outra.

¹⁰ FOUCAULT, M. *Le courage de la vérité*, p. 310. .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez nessa temática do gênero atualizar a discussão sobre gênero passa, como levantado na hipótese no início do texto, por ultrapassar os limites; ter uma atitude cínica como modo de vida se caracteriza como parresía em sua nova dimensão, ou seja, como modo de vida outra.

Com efeito, o cínico é o soberano de si. É aquele que torna possível a vida corajosa de dizer a verdade na relação consigo e com os outros. É zelador do próprio pensamento na medida de si.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que a resistência feita pelos movimentos com raízes queer, em destaque o da Marcha das Vadias, está em se manifestar de modo público e, ao mesmo tempo, deixar espaço para sujeitos singulares, que mostram novos modos de vida. Estes fazem a vida como escândalo de verdade cínica, caracterizada como “vida outra”, exatamente porque mostram publicamente os dispositivos biopolíticos de normalização da vida. O escândalo da vida e dos corpos nus são escândalos político-cínicos, o que põe em risco as políticas identitárias que libertam e aprisionam. Libertam ou aprisionam?

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CESAR, M. R. A., DUARTE, A. M. & SIERRA, J. C. Governamentalização do Estado, movimentos LGBT e escola: capturas e resistências. Revista Educação PUCRS, 36, 192-200. Porto Alegre, 2013.
- FOUCAULT, M. Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir [História da sexualidade I: a vontade de saber]. Paris: Gallimard, 1984.
- FOUCAULT, M. Histoire de la sexualité II: l'usage des plaisirs [História da sexualidade 2: o uso dos prazeres]. Paris: Gallimard, 1984.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro : Graal, 2005.
- FOUCAULT, M. Dits et écrits, I: 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001.
- FOUCAULT, M. Dits et écrits, II. Paris: Gallimard, 2001.
- FOUCAULT, M. Sécurité, territoire, population. Cours au Collège de France, 1977-1978. Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Michel Senellart. Paris: Gallimard; Seuil, 2004.
- FOUCAULT, M. Le courage de la vérité: le gouvernement de soi et des autres II [A coragem da verdade: o governo de si e dos outros]. Cours au Collège de France (1983-1984) Ed. établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Paris: Gallimard; Ehes; Seuil. 2009.
- LAURETIS, Thereza de. Gênero e teoria queer. Albuquerque: revista de história, vol. 13, n.26, jul.dez.2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/12446/10230>.